

MÍDIA SIMPLIFICA E DISTORCE A IMAGEM DE UM PAÍS RICO E REPLETO DE CONTRASTES

Por Enrico Stievano e Guilherme Almeida

O Irã é um país de cultura rica e que apresenta avanços na economia, no entanto esses fatores positivos nem sempre refletem na sociedade, que ainda é reprimida e censurada por um autoritarismo remanescente de um governo anterior.

Situado entre o mar Cáspio e o Golfo Pérsico, a posição em que se encontra o Irã tem enorme importância geopolítica; por ser o corredor entre a Ásia e a Europa, sendo vizinho de países como Paquistão, Iraque e Afeganistão. A região na qual o país se situa é parte do que já foi o Império Persa, que se perpetuou aproximadamente, entre 550 A.C e 643 D.C, quando ocorreu a invasão árabe no território. Em virtude disso a influência da cultura árabe é grande, desde a gastronomia até pilares fundamentais da sociedade atual, como por exemplo, a religião islâmica, que passou a ser oficial no século VII.

A influência norte-americana – De 1941 a 1979 o Irã sofreu com uma ditadura notável. Nas mãos de ferro do monarca Xá Mohammad Reza Pahlevi, que sucedeu seu próprio pai, o povo iraniano se viu em meio a um forte processo de ocidentalização promovida pelo mesmo.

O período é quase auto-explicativo. Os EUA buscavam áreas de influência no Oriente-Médio desde a II Guerra Mundial, e viram no Irã um mercado em potencial e um provedor de petróleo para a Indústria crescente. Apoiar Pahlevi foi um ato de guerra, na verdade Guerra Fria. Um evento que mostra o quanto o Xá estava sob a asa da águia careca foi uma operação da CIA, chamada Ajax. Em 1953, Mohammad Mossadeq foi eleito democraticamente, e deposto com ajuda do governo estadunidense.

O Xá começou uma construção de liberdade no Irã; artificial pro povo iraniano e conveniente ao ocidente. A economia cresceu na década de 1960, muito graças ao petróleo e aço, no entanto, a alta inflação brecava a melhora na qualidade de vida da população em geral – semelhante a outras ditaduras – o que privilegiava uma fatia pequena da sociedade iraniana. Ao mesmo tempo em que valores religiosos, como venda e consumo de bebidas alcoólicas, eram legislados a revelia da doutrina islâmica, a perseguição política aumentava e inúmeras pessoas foram exiladas. A violência e corrupção desse governo causaram protestos e uma forte oposição de movimentos sociais e principalmente religiosos.

Revolução iraniana – Em 1979, a população iraniana, insatisfeita com as perseguições políticas e a crise econômica instalada no país, se rebelou contra o regime político do xá Mohammad Reza Pahlevi. Entre os grupos que lutaram contra o governo ditatorial estavam comunistas, socialistas, liberais e os xiitas. Esses últimos, fortemente influenciados pelo até então exilado político, Aiatolá Khomeini, foram os responsáveis pela posse do poder após a queda de Pahlevi, fundando um Estado xiita moderno.

Convidados pelo governo iraniano, jornalistas brasileiros viajam para desvendar a nação por trás de grandes polêmicas



Após a revolução, um grupo de estudantes e militantes políticos – entre eles o atual presidente Mahmoud Ahmadinejad – apoiados de modo não declarado pelo governo, ocupou a embaixada norte-americana no Teerã e manteve 53 reféns por mais de 444 dias. Eles exigiam a extradição do último xá antes da revolução, Pahlevi, que estava em tratamento contra o câncer nos EUA. Durante o impasse, o xá acabou falecendo devido à doença e a relação estremecida entre os dois países resultou em um embargo norte-americano contra o Irã.

Influência religiosa na estrutura política – No Irã, as bases que sustentam as leis do país são fundadas nos princípios do Corão (livro sagrado do islã) e o governo é controlado pelo aiatolá Khomeini, substituto de Khomeini, considerado o mais importante líder da corrente xiita. O chefe de estado possui controle total sobre as forças armadas, mídia, poder judiciário e nunca será deposto, pois o cargo de aiatolá é vitalício. Abaixo de Khomeini está o presidente da república, Mahmoud Ahmadinejad, que representa o poder



Xá Mohammad Reza Pahlevi



Aiatolá Khomeini

IrãxIraque

Vencida a monarquia, instalou-se uma ditadura islâmica no Irã. E sem o apoio da potência norte-americana o país teve que passar por uma guerra com o vizinho Iraque. Se por um lado os EUA não tinham mais o Irã como aliado na exportação de petróleo por outro, Iraque surgia no cenário internacional com um jovem ex-presidente chegando ao poder por meio de um golpe de estado. Saddam Hussein, sob a tutela estadunidense, quebrou acordos diplomáticos que envolviam um canal que liga o Iraque ao Golfo Pérsico. Evidenciando qual era uma das principais motivações da guerra, a primeira ofensiva teve como alvo a, até então, maior refinaria de petróleo do Irã e do mundo, em Abadã.

O conflito teve aderência do lado do Iraque de elites e nações que lutavam contra o avanço fundamentalista islâmico; como a Arábia Saudita, por exemplo. Sendo os dois, países pobres e dependentes da exportação, se render não era uma opção. O apoio de estados mais fortes só causou mais mortes. Foram aproximadamente 300 mil iraquianos e 400 mil iranianos. Os ataques iranianos em solo iraquiano e as armas químicas de Saddam demarcaram uma das mais sangrentas guerras de batalhas de infantarias da história da região.

Depois de oito anos de conflito marcado pela alternância de vitórias dos dois lados, Irã e Iraque cessaram fogo. Contudo, as fronteiras não mudaram, o país de maioria xiita continuou sendo visto como reduto de fundamentalismo islâmico e o outro insistiu com uma política agressiva e expansiva em relação a seus vizinhos. Essa foi a Guerra Irã x Iraque, um atraso para o desenvolvimento do oriente - médio, uma manipulação contextualizada na Guerra Fria e um desperdício de mais de 700 mil vidas.

Os Estados Unidos usaram o Iraque de Saddam Hussein como posto avançado na guerra contra o Irã



300 MIL IRAQUIANOS E 400 MIL IRANIANOS MORRERAM NUM CONFLITO ESTIMULADO E ARMADO PELAS ANTIGAS SUPERPOTÊNCIAS DA GUERRA-FRIA, ENTRE 1980 E 1988



Imagens do Aiatolá Khomeini e de seu sucessor, Khamenei, estão presentes por toda a cidade de Isfahan



executivo do país, o cargo é preenchido de quatro em quatro anos mediante a eleição direta.

Dentre as funções do presidente estão a implementação de ações do governo, a apresentação de decisões políticas ao parlamento e a formação do Conselho de Ministros. O aiatolá tem o poder de intervir nas escolhas do presidente sempre que acreditar ser necessário, em circunstâncias extremas o presidente pode ser deposto.

A Assembléia dos Especialistas, formada por integrantes do clero, é responsável pela nomeação do novo líder supremo após a morte do antigo aiatolá.

TVT no Irã – Foi uma iniciativa do governo iraniano. O convite se estendeu a oito jornalistas brasileiros, dentre eles os três profissionais da TV dos Trabalhadores. O roteiro e a exposição de todas as cidades eram previamente planejados pelo ministério do turismo. Portanto, nas visitas se via apenas o melhor lado do Irã. Quem vê os dois programas no site da TVT toma consciência de que favelas se quer existem no país.

Mesmo sendo convidados pela embaixada iraniana, os jornalistas da TVT não tinham liberdade total para desenvolver suas matérias no país. Entrevistas na rua, com qualquer um, precisavam ser devidamente autorizadas. A dinâmica funcionava, mais ou menos, dessa maneira: funcionários do ministério de turismo local acompanhavam a equipe, e apesar de não tolher os repórteres nas suas escolhas de entrevistados ou perguntas, impediam que os populares se manifestassem sobre aqueles temas. Dessa forma, várias perguntas feitas por Bruno Mascarenhas tiveram como resposta o silêncio constrangedor de alguém que gostaria de falar, mas não pode.

O jornalista e diretor do programa “ABCD em revista”, Luiz Cabral, explicou a burocracia para conseguir a autorização para gravar imagens e entrevistar cidadãos nas ruas do país: “Assim que chegamos ao Irã, fomos encaminhados para um órgão do Ministério do Turismo para sermos devidamente fotografados e fichados como jornalistas estrangeiros, recebemos crachás com autorização para gravar imagens, o que não impedia de sermos interrompidos pelos guias ao entrevistar cidadãos comuns”.

Luiz afirma que apesar das sanções internacionais e de um regime político baseado na religião, o país se encontra em constante desenvolvimento tecnológico: “O país tem a própria produção de carros e o progresso em diferentes campos da saúde é evidente, parte disso é decorrente da falta de opção. Ou encontra um caminho por conta própria ou entra em decadência”.

O que é TVT?

A TVT, primeira emissora de televisão outorgada a um sindicato de trabalhadores. Entrou no ar no dia 23 de agosto de 2010, as 19h. Resultado de 23 anos de luta do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, a emissora educativa é uma geradora e foi outorgada em outubro de 2009 à Fundação Sociedade, Comunicação, Cultura e Trabalho, entidade cultural sem fins lucrativos, criada e mantida pelo Sindicato, segundo o institucional do site oficial www.tvt.org.br.

“Queremos ser um canal de amplificação da voz dos movimentos sociais”, palavras do diretor de Comunicação do Sindicato, Valter Sanches.

Papel da mulher no Irã – As mulheres são, historicamente, as que mais sofrem com o regime político religioso do país, elas são obrigadas a usar o conjunto véu e vestimentas longas denominado Hijab, que deixa apenas o rosto ficar descoberto. A dissidente política Mina Ahadi foi obrigada a fugir do país, pois estava condenada a morte por protestos contra o uso do véu: “Eu aderi a manifestações contra o uso do véu, pronunciei discursos, em consequência disso, fui expulsa da faculdade de medicina e meu marido foi assassinado”, afirmou Mina à TVT.

Apesar do uso obrigatório do véu, as mulheres estão inseridas em diferentes campos de trabalho e ocupando altos cargos na política, por exemplo, Maryam Mojahedzadeh, conselheira do presidente e diretora do Centro de Defesa dos Direitos da Mulher e da Família iraniana. “Cerca de 70% das universitárias são mulheres, times femininos de diferentes esportes tem como treinadoras, mulheres, e 15% dos postos importantes do governo são ocupados por nós”, defende Maryam.

Diante da forte influência ocidental, muitas jovens iranianas acabam se sentindo entediadas com

a vida que levam. Questionada sobre a vida da adolescente no Irã, uma jovem respondeu: “É difícil, pois mesmo com a censura da internet, é possível acessar conteúdos ocidentais, sabemos como é a vida do adolescente em outras partes do mundo. Aqui algo como namorar é impensável, a vida acaba sendo entediante, não só para as jovens, mas acredito que também seja para os meninos”.

Mina acredita que em um futuro próximo a juventude vai dar um basta e promoverá uma revolução na sociedade iraniana: “Os jovens iranianos não suportam mais restrições como o uso obrigatório do véu, acredito que em um curto espaço de tempo haverá uma revolução no Irã e essa revolução será feminina”.

A “Questão Nuclear” iraniana – Uma das maiores polêmicas envolvendo o Irã nos últimos anos é o seu programa nuclear, que visa o enriquecimento de urânio. Membros da AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica) suspeitam que, por traz do projeto de energia nuclear, o Irã esteja trabalhando no desenvolvimento de bombas atômicas.

AIEA é um órgão criado pela ONU para fiscalizar e garantir que os artigos do Tratado sobre Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP) sejam cumpridos. Se essa agência é uma fiscalizadora, então a lei que ela segue é a do documento criado no fim de 1953, numa Assembléia Geral das Nações Unidas, proposto pelo então presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower. Nessa época apenas alguns países tinham o domínio da tecnologia bélica nuclear, são eles: EUA, Reino Unido e Rússia. Coincidências a parte, os países que chegaram antes à bomba atômica têm hoje grande relevância no Conselho de Segurança da ONU, com o posto permanente e poder de veto; haja vista que a França e a China foram consecutivamente os dois próximos a obter a arma. O tratado visa como objetivo ideal um mundo sem ameaça de guerra nuclear. No entanto, o uso pacífico da tecnologia e legislado é garantido para os países signatários, por um dos artigos que determina o compartilhamento de conhecimento a cerca do assunto entre nações mais e menos desenvolvidas. Índia e Paquistão nunca assinaram e Coréia do Norte se retirou do tratado em 2003.

O Irã se defende das acusações alegando que o enriquecimento de urânio no país tem fins pacíficos, podendo ser usado em pesquisas para a construção de usinas nucleares, o presidente Mahmoud Ahmadinejad disse recentemente à ONU, que o país tem o direito “inalienável” de produzir energia nuclear. Entretanto, nas “entrelinhas”, o governo iraniano questiona se o país também não teria o direito de construir armas nucleares já que países como Paquistão, Israel e Índia possuem a bomba atômica.

Há um temor mundial em torno das ações norte-americanas caso o Irã continue não cedendo às pressões das potências mundiais, os EUA não descartam um conflito militar para o “bem da humanidade”, mas afirmam que a diplomacia é prioridade.

Questionado sobre as críticas dos EUA contra o Irã, Behroozka Kamalvandi, Ministro das Relações Internacionais do Irã, afirma que o país precisa corrigir muitos problemas, contudo existe um país que possui mais erros a serem corrigidos atualmente: “Nós admitimos que temos muitas coisas que necessitam serem corrigidas, mas acredito que o país que mais precisa melhorar quanto aos seus erros é o Estado Unidos. Durante setenta anos os norte-americanos só conseguiram solucionar seus problemas com a guerra, está na hora de reverem seus conceitos”.

“ OS JOVENS IRANIANOS NÃO SUPORTAM MAIS RESTRIÇÕES COMO O USO OBRIGATÓRIO DO VÉU, ACREDITO QUE EM UM CURTO ESPAÇO DE TEMPO HAVERÁ UMA REVOLUÇÃO NO IRÃ E ESSA REVOLUÇÃO SERÁ FEMININA ”

(MINA AHADI)



Fotos: Reprodução



Mahmoud Ahmadinejad

Entenda a terminologia islâmica:

- **Aiatolá:** é o mais alto dignitário na hierarquia xiita
- **Xá:** é um título de nobreza herdado do império persa para designar os monarcas
- **Xiitas:** muçulmanos que sustentam só serem verdadeiras as tradições transmitidas através de seguidores de Ali, genro de Mohamed.
- **Sunitas:** corrente islâmica que, ao contrário, dos xiitas acreditam na legitimidade de líderes religiosos que não sejam descendentes diretos de Ali e aceitam a verdade da Suna (prática de vida do profeta).